



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### A FORMAÇÃO DOS FRADES MENORES NO PERÍODO DA RESTAURAÇÃO ALEMÃ: UMA MEMÓRIA COLETIVA E SOCIAL

Paula Ruas Ferreira\*  
(UESB)

Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro\*\*  
(UESB)

#### RESUMO

O presente texto é resultado da pesquisa em andamento, cuja temática é *A Formação dos Frades Menores no Convento São Francisco em Salvador - Bahia no contexto da Restauração Alemã (1890 - 1910)*. Neste enfoque, buscamos compreender da trajetória da chegada dos primeiros franciscanos ao Brasil e o processo histórico de Restauração da Província Santo Antônio. A investigação se faz por meio de uma das abordagens que é o estudo da memória a partir da obra de Maurice Halbwachs (*A memória coletiva*). Aqui se destaca uma das especificidades da Memória: *A memória coletiva* que perpassa e permanece nas relações dos grupos sociais, demarcados por suas experiências vividas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Memória Coletiva, Restauração, Franciscanismo

#### INTRODUÇÃO

Memória pode-se compreender como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos partir das experiências demarcadas por grupos sociais ou coletivos.

---

\*Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Pesquisadora do Grupo Fundamentos da Educação: A Relação Estado, Igreja e Educação no Brasil. *E-mail:* [paularuas1@yahoo.com.br](mailto:paularuas1@yahoo.com.br)

\*\*Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Pós-Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Orientadora. *E-mail:* [apcasimiro@oi.com.br](mailto:apcasimiro@oi.com.br)



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Nesta abordagem, faz-se referência a Halbwachs (2003), com a discussão no campo de estudo da memória “que situa em um tempo e lugar demarcada por relações de experiências vividas por grupos sociais”.

A partir dessa premissa, entende-se que memória coletiva é o trabalho que um determinado grupo realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns. No entanto, o resultado é um acervo de lembranças compartilhadas que são conteúdos da memória coletiva, e que, encontram seu lugar na tradição e ao mesmo tempo, dinamiza as tradições, num processo semelhante ao que foi descrito com relação às lembranças num contexto dos quadros sociais.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que os outros estejam presentes, materialmente distintos entre nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem [...] (HALBWACHS, 2003, p. 30).

A este propósito, aqui ressalto a importância da memória na formação dos Frades Menores do Convento de Salvador no período da Restauração (1890 - 1910) que como memória coletiva de um grupo que viveu determinadas experiências, nesse espaço mencionado, desempenha um papel fundamental nos processos históricos da Cidade, dando vitalidade aos objetivos culturais, sublinhando momentos históricos, significativos e, portanto, preservando o valor do passado para os grupos sociais (específicos) que ainda se mantém, como também, sendo guardiães dos objetos culturais que atravessaram os tempos e que então, se constituem como fontes para pesquisa histórica.

A memória coletiva dos grupos, aqui específicos (os franciscanos) que perdura por mais de oitocentos anos, se sustenta na história aprendida, mas,



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

permanece sobretudo na história vivida (dos Frades) que, na atualidade, mantém a memória dos ideais do fundador do movimento franciscano.

Com efeito, o que se entende a partir da teoria de Halbwachs é que a condição necessária para que exista a memória é que o sujeito que lembra, indivíduo ou grupo, tenha a sensação das lembranças que se traduz no movimento contínuo, porém, não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém esta memória. Nesse caso, o passado é permanentemente reconstruído e vivificado e, portanto, a memória é eminentemente coletiva e social.

Para Halbwachs, a consciência individual é um registro de influências sociais, mas é, ao mesmo tempo, um limite. Na memória social coletiva, o passado é permanentemente reconstruído e vivificado. Nesse sentido, a memória coletiva pode ser entendida como forma de história vivente. A memória vive, sobretudo, na tradição, que é o quadro mais amplo onde seus conteúdos se atualizam e se articulam entre si. Ochoa afirma que,

Halbwachs quiso “subrayar las diferencias entre el tipo de pasado que cada uno restaura”: la memoria confirmaría “las similitudes entre o pasado y presente”, en la medida en que “transmite un sentido del pasado que revive una vez más”, tocando las mociones. “La historia, en contraste, establece las diferencias entre pasado y presente. Esta reconstruye el pasado desde una distancia crítica y se esfuerza para transmitir el sentido de que sus conexiones con el presente están desprovistas de compromiso emocional (OCHOA, 2005, p.18).

Naturalmente, somente a rememoração pode tornar-se lembrança viva, porém, depende da ausência ou presença de outros que a constitui como grupo de referência. Nesse sentido, o grupo de referência é um grupo do qual o indivíduo faz parte, e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou ou confundiu seu passado, a vitalidade das relações sociais do grupo da vitalidade às

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

imagens que constituem a lembrança. Na memória Sagrada, Santo Agostinho enfatiza que,

[...] embora já não soe; ou como perfume que, ao passar e desvanecer-se nos ares, toca o olfato e transmite seus traços à memória que os reproduz com a lembrança; nem como alimento, que no estômago já não tem sabor, e todavia, através da lembrança, quase se saboreia; nem como acontece a qualquer objeto que o corpo percebe pelo tato e, quando afastado, é ainda guardado na memória. De fato, todas essas realidades não se introduzem na memória. São apenas imagens colhidas com extraordinária rapidez, dispostas como em compartimentos, de onde admiravelmente são extraídas pela lembrança (AGOSTINHO, 1994, p. 277).

É importante ressaltar que a lembrança é fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso, e necessita de uma comunidade afetiva, característica das relações nos grupos de referência. A permanência do apego afetivo a uma comunidade dá consistência às lembranças e, em contrapartida o desapego está ligado ao esquecimento. No desapego não há reconhecimento, não há lembranças.

[...] Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança (HALBWACHS, 2003, p. 39).

A lembrança é reconstrução, não uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas, é um resgate desses acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais. Também é diferenciada e se destaca da massa dos acontecimentos e vivências localizada num



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

tempo e num espaço e num conjunto de relações sociais. A memória é este trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os quadros sociais nos quais as lembranças podem permanecer e então articular-se entre si. O

trabalho da memória é, também, a presentificação daquele conjunto de testemunhos no contexto de um diálogo mais amplo e atual. As lembranças não se confundem entre si, mas, podem ser confrontadas dando corpo ao trabalho da memória. Nesse aspecto, a memória é sempre construída em grupo, e é sempre o trabalho do sujeito. Porém somente a rememoração pode tornar-se a lembrança viva.

As lembranças dos indivíduos são sempre construídas a partir de sua relação de pertencimento a um grupo. A memória individual pode ser entendida, então, como um ponto de convergência de diferentes influências sociais e como uma forma particular de articulação das mesmas.

Em se tratando da categoria "tempo", em sua obra Halbwachs (2003), afirma que o tempo é exatamente o que deve ser em tal grupo e entre tais pessoas, cujos pensamentos assumiram um comportamento de acordo com suas necessidades e suas tradições". Por outro lado, o indivíduo não tem como se segurar a não ser nele mesmo. É a lembrança do olhar sobre o passado, não no que está contido nele, mas no que o faz recordar, (como o olhar para uma fotografia). O tempo oferece continuamente a imagem da mudança, o espaço oferece a imagem da permanência e da estabilidade, faz lembrar de pessoas e relações sociais ligadas a ele. É sempre fonte de testemunhos. A este propósito Halbwachs afirma que:

O tempo é exatamente o que se deve ser entre tal grupo entre tais pessoas, cujo pensamento assumiu um comportamento de acordo com suas necessidades e suas tradições. O tempo só é real na medida em que tem um conteúdo, ou seja, que oferece ao pensamento uma matéria de acontecimentos. Ele é limitado e relativo, mas tem uma realidade plena. É bastante amplo oferecer às consciências individuais um contexto de respaldo suficiente



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

para que estas possam nele dispor e reconstruir suas lembranças (HALBWACHS, 2003, p. 156).

Nessas condições, podemos estar presentes no tempo, no presente, que é uma parte do tempo, e de nos transportar pelo pensamento ao passado próximo ou distante. Halbwachs (2003), discute que é preciso distinguir as correntes do pensamento propriamente dito ou da memória: a primeira está estreitamente ligada ao nosso corpo, não nos faz sair de nós, mas não nos abre nenhuma perspectiva sobre o passado, a segunda tem origem e a maior parte de seu curso no pensamento dos grupos diversos aos quais nos ligamos.

No que diz a respeito ao *tempo*, este só é real na medida em que tem um conteúdo, ou seja, na medida em que oferece ao pensamento, uma matéria de acontecimentos. Ele é limitado e relativo, mas tem uma realidade plena. É amplo para oferecer às consciências individuais um contexto de respaldo suficiente para que estas possam nele dispor e reencontrar lembranças.

Em todo caso, pensar sobre a memória no tempo presente, passado e futuro são apenas nomes, que convocam as forças subterrâneas do homem e provocam a verdadeira vocação do Tempo. Conforme foi dito anteriormente, o tempo oferece continuamente a imagem da mudança o espaço oferece a imagem da permanência e da estabilidade, faz lembrar-se de pessoas e relações sociais ligadas a ele. É sempre fonte de testemunhos. Nesse ponto, é o cruzamento de experiências que demarca a memória, e é o tempo presente que ancora a memória e esta se sustenta por meio de um conjunto de recordações, que se integram a experiência total dos sujeitos, ou seja, à construção social, intelectual, cultural e moral.

Com efeito, a memória é moldada no campo das convenções, no marco social, é um atributo da sociedade, a partir desse aspecto é multimodal. Por outro lado, a memória não pode ser exterior ao indivíduo, mas intrínseco nele.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Quando percebo objetos exteriores, eu talvez imagine que toda a sua realidade se esgota na percepção de que delas tenho. Na duração não estão os objetos mas meu pensamento que os representa pra mim, e assim não saio de mim. É diferente como uma forma humana, uma voz, um gesto, me revelam a presença de outro pensamento, que não o meu. Terei então no espírito a representação de um objeto a partir de dois pontos de vista – do meu e de mais alguém que não eu que tem uma consciência, como eu – e que dura (HALBWACHS, 2003, p. 120-121).

Concordando com o autor supracitado, pode-se dizer então, que a memória é concessora de ser. Portanto a vicissitude temporal liberta-se de sua necessidade, o presente se desobriga de estar aqui e agora, o passado esquece que já passou, o futuro é sem ter sido, e o tempo, com folga para vagar, põe-se a criar. Memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos por grupos sociais. No campo da Memória Social, Celso de Sá aborda alguns princípios unificadores dessa memória, que se configura como caráter construtivo como, também, enquanto um atributo da sociedade ou dos grupos sociais; Sustenta o autor, que a construção, a manutenção e a atualização da memória social, mesmo em suas manifestações mais pessoais, estão na dependência da interação e da comunicação sociais; enfatiza que a memória e pensamentos sociais estão intrinsecamente associados e são praticamente indistinguíveis, ou seja, o que é lembrado do passado está sempre mesclado com aquilo que se sabe sobre ele e o elo de ligação que é o sentimento, desempenha um papel no processo construtivo da memória social.

Em relação ao objeto mencionado a princípio, no que diz respeito à memória, esta em consonância com a história, nos informa, que desde os tempos primórdios a Igreja pensou na educação dos fiéis, por entender que é ferramenta complementar à evangelização. A Educação também foi um instrumento na conversão dos pagãos e infiéis. Para, além disso, a educação se desenvolveu,



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

milenarmente, às sombras das catedrais, mosteiros e paróquias nas comunidades monásticas da Idade Média, quando surgiram escolas de alfabetização para leigos dos vilarejos próximos.

A este propósito, para que a educação se consolidasse, foi necessário recorrer aos pensamentos da Patrística e da Escolástica, como elementos fundamentais para a Pedagogia Cristã, que se nutriu do pensamento tanto religioso quanto filosófico dos padres e escolásticos, para educar o povo.

A pedagogia franciscana, se apóia numa visão religiosa e antropológica que remete a Francisco de Assis (1182-1226), o qual aponta uma prática pedagógica integral e formação da totalidade cristã do ser humano. Os biógrafos afirmam que Francisco não pretendeu fundar uma ordem religiosa, muito menos transformar os seus seguidores em eruditos, mas, criar uma pedagogia do “ser” depois do “fazer”. Assim, atraiu várias pessoas que queriam partilhar a sua experiência de vida segundo a forma do Evangelho. A partir dessa perspectiva o franciscanismo transformou-se em uma nova configuração religiosa distanciada das estruturas eclesiais do seu tempo.

De acordo com Zavalloni (1999), na visão de Francisco, a ciência teológica não é meramente teórica e especulativa, mas, tende, necessariamente, à ação, quanto àquilo que, na vida, ele põe em prática. O educador não é, pois, um mero reprodutor de informações recebidas, mas é aquele que se esforça para possuir e praticar as virtudes em grau eminente. Foi a partir dessa perspectiva que a Ordem Franciscana se expandiu pelo mundo. Destacamos a vinda dos primeiros franciscanos para o Brasil no processo de colonização, Sua atuação por todo o período colonial, mas focamos nossa atenção especialmente no chamado Período da Restauração Alemã, no interregno compreendido entre 1890 a 1910.

Conforme relata Casimiro (2009), com o Brasil republicano acontece à reação católica, com o intuito de restaurar o poder e a dignidade eclesial que se deu, de forma paulatina, a partir de uma participação política significativa,



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

principalmente com a adesão de intelectuais convertidos ao catolicismo e com uma insistente ação política envolvendo publicações, fundação de associações, centro de discussões propostas pedagógicas e instituições de ensino.

A chegada dos primeiros frades alemães ao Brasil, mais especificamente ao Convento São Francisco em Salvador, gerou grande impacto, para cumprir e vivenciar a memória da regra original de Francisco (da imitação de Cristo na sua face de pobreza), ao mesmo tempo, necessitando preparar seus quadros para a evangelização e o magistério da Igreja. Além da obrigatoriedade de obediência à Santa Sé, a Restauração Franciscana veio com o propósito de plasmar a Província do Nordeste, segundo a Província da Saxônia, ou seja, de inspiração alemã. Aqui, importante é tentar entender a trajetória dessa memória nesse período e o que permanece na atualidade.

Nessa perspectiva, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade, um dos elementos fundamentais para esse estudo. Para o desenvolvimento dessa pesquisa serão utilizados elementos que possibilitem compreender sobre método, técnica, e análise relacionando esses conceitos ao campo da pesquisa documental.

Vê-se, portanto, que a pesquisa bibliográfica, documental, sob a idéia de que a totalidade da história franciscana se insere na totalidade da memória e da História da Igreja e da História Cristã Ocidental possibilita; a) de que o objeto em estudo reflita tais totalidades e apresente especificidades pertencentes à sua área de abrangência regional e local, uma vez que os personagens envolvidos foram sujeitos históricos, atuantes e partícipes de uma sociedade contextualizada (no fim do Império e início da República). E divididos entre a obediência à Igreja, ao Reino e às suas consciências de homens religiosos; b) que os aspectos pedagógicos e religiosos envolvidos não possam ser tratados como fenômenos estanques uma vez que fazem parte de um conjunto complexo de saberes intelectuais



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

(transmitidos desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e chegando à Modernidade) e adaptados à mencionada sociedade.

Por outro lado, reafirma-se que a memória também é um espaço que se ocupa da discussividade lógico conceitual desses saberes, é um saber a respeito do conhecimento. É constante movimento, é ambígua, diz daquilo que já não é mais, é também um espaço antológico, como também filosófico.

No que se refere aos atributos da memória em relação ao objeto de pesquisa, necessita-se do pesquisador, conhecimento e não contemplação, pois a contemplação baseia-se nos resultados da práxis humana. Isso significa que o homem, perante a realidade, não se constitui como um abstrato sujeito que toma conhecimento e sim como ser que age objetiva e praticamente sobre a natureza diante de seus interesses/necessidades, permeado por um conjunto de relações sociais.

Nesse sentido, o campo da memória, pode, sem dúvida, levar a uma compreensão de análise do objeto e suas múltiplas facetas, o que não significa que todos os fatos são verdadeiros, mas se traduzem um todo estruturado, dialético que pode vir a ser racionalmente compreendido. Assim, se conheço o objeto e questiono com ele, num processo dialético, posso chegar a vários horizontes de imagens do real num processo espiral de mútua compreensão. Tudo quanto foi dito, reflete que a memória é individual (está intrínseco no indivíduo) coletiva (porque reflete a vivência de determinados grupos) e social (pois também é um atributo da sociedade). Naturalmente, é dialética entre a lembrança e o esquecimento, é um operador temporal, que estabelece entre o antes, o agora e o depois, como também é, um saber teórico que se orienta que narra, visando promover cognições acerca, das diversas interfaces que a memória permeia.

Resumindo, a memória só traz a certeza na sua condição remitente, faz presente algo ausente, é relativa à realidade ontológica e à inconstância do presente, também, não está para provar nada, no entanto é necessário o



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

cotejamento. Enfim, a memória está inserida no leito do tempo como também, resiste à passagem do tempo. Portanto, cada memória individual é um ponto para a memória coletiva, e são todas de natureza social.

### REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984. - (Coleção Patrística). Trad. Maria Luiza Jardim Amarante e Antônio da Silveira Mendonça.

CASIMIRO, A. P. B. **S.Evangelização, catequese e Educação no Brasil**: uma perspectiva histórica. *Quaestio (UNISO)*, v. 11, p. ---, 2009.

SÁ, C. P.; CASTRO, P. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicol. Reflex. Crit.** vol.20 no.2 Porto Alegre 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003. Trad. Beatriz Sidou.

OCHOA, M. M. **Los estudios sobre la memoria y los usos del pasado**: perspectivas teóricas y metodológicas. *Caderno de Ciencias Sociales* 135. *Historia y Memoria: perspectivas teóricas y metodológicas*. Costa Rica: FLACSO, 2005.

ZAVALLONI, Roberto. **Pedagogia Franciscana**: Desenvolvimento e Perspectivas. Tradução: Frei Celso Mareio Teixeira OFM. Petrópolis: Vozes, 1999.